

EDUCAÇÃO

FORA DA CATEDRA

VERDADES BÁRBARAS

Por CUNHA LEÃO

Mesmo o que é muito bom se estraga, quando em compartimentos fechados, em atmosferas pouco ventiladas. O inevitável melhor surge e progride fazendo voar como anacrónico o que era ainda objecto de fundamenteadas esperanças.

Com as escolas assim acontece. Preclamam que nelas circule intensamente o sangue da vida. Embora tal muito pese a certos pedagogos consumados, não foi a vida criada para servir as escolas, mas sim as escolas para servir a vida.

E por muito perfeitais que sejam aquelas, jamais conseguirão tirar a primazia à vida como agente modelador das almas e fonte de ensinamentos; as escolas são afinal um mal necessário. (Falo num sentido análogo a Epicuro, ao sustentar que o verdadeiro prazer não seria beber quando se tem sede, mas sim nunca ter sede).

«Mas», porque o «tonus» académico há-de distinguir-se sempre da realidade flagrante por quasi fatais caracteristicas de artificialismo e de peador para o estático. Lá estão as bancadas, o curso fácil do smagister dixit, o também fácil abuso dos livros. Para mais, certo anacronismo, em parte porque a sistematização das descobertas é geralmente tardia. Assim, o sistema de Copérnico só começou a ser ensinado cerca de cem anos depois...

«Necessário» porque é mister aproveitar alguns anos da vida para ministrar metódicamente conhecimentos e técnicas a ela indispensáveis, cujo carácter diferenciado exige lugares apropriados e instrutores da especialidade; necessário ainda por insuficiência das famílias para todos os alguns aspectos da educação; necessário também porque a sociedade precisa de um instrumento idóneo e responsável que garanta, a partir da juventude, a melhoria progressiva do seu nível sob os aspectos moral, cultural e social.

De mal necessário a escola transforma-se em instrumento altamente benéfico como viveiro das mais apuradas virtudes, incutindo nas gerações novas, a par da adequada preparação intelectual e técnica para a vida tal como é, a sêde do que deve ser; sêde de aperfeiçoamento que transcenda a da sociedade para a qual em principio, e apenas como ponto de partida, devem ser preparadas. Bem alto, muito alto se projecta assim a missão do professor, tão cheia de grandeza que foge da compreensão do comum dos mortais — só porque se não vê com os olhos do corpo, nem inculca mercaderia ou satisfaz necessidades imediatas.

A escola rotineira, rodando em gonzos inmutáveis, entregue à lei da inércia, ao conformis-

mo, não corresponde à sua finalidade. A não ser que estivessemos em sociedade exclusivista, tipo chinês velho, que julgasse ter atingido o acúme da civilização; então competir-lhe-ia mastigar de todas as maneiras as palavras definitivas de Confúcio.

Só por si não tem a escola o condão milagroso que lhe atribuiu Vitor Hugo, quando disse com ênfase que abrir uma escola equivalia a fechar uma prisão.

Não sómente porque é erro velho e desmentidíssimo a identificação sócrática do saber com a moralidade; há o sinal negativo.

Como ainda, até intelectualmente, a natural deformação das instituições escolares pode ensimesmá-las, num isolamento de castelanismos inacessíveis

(Conclusão na página 9)

COLONIA DÓBRICA

A língua portuguesa, segundo noticiam as agências, foi tornada obrigatória nos locais do Chile, o exemplo das repúblicas do Rio da Prata alinge assim as costas do Pacífico Continuo a expansão de um idioma já hoje falado por cerca de sessenta milhões de pessoas.

Pená e que noutros lugares, especialmente no Oriente, onde a penetração foi enorme, se percam alguns núcleos de fala portuguesa. O Estado sustenta, fora do território nacional, cerca de uma dúzia de leiloadores de português e algumas escolas primárias, estas infelizmente ainda poucas (Rabat, Casablanca, New Bedford).

Admira, no entanto, a extraordinária persistência do português antigos pontos do Globo, como em Malaca, perdida em 1511; pois, volvidos trezentos anos, ainda há cerca de 3.000 pessoas na península daquele nome que falam um dialecto da nossa língua — o malaquês. O padre Dr. Antonio da Silva Rego, em publicação da Agência Geral das Colónias, escreveu um valioso trabalho «Dialecto português de Malaca», em que, aliada, com copiosa exemplificação, são as formas gramaticais que o caracterizam.

A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO

Pelo Prof. Dr. DELFIM SANTOS

Se, ao longo da história da humanidade, passarmos em revista os ideais educativos que cada época propôs para a formação do homem, notaremos que, sempre, todos eles, tem como finalidade tornar o homem, mais apto para a realização dos planos concebidos também em cada época para organizar a sociedade em novos moldes. A pedagogia e, pois, nesse sentido, um instrumento da política. E possível também que, posteriormente, se chegue à conclusão que, tal propósito educacional, posto em relêvo em determinada época, em vez de tender para a finalidade última da educação — tornar o homem humano — ficou muito longe de a atingir, se é que dela se não afastou. Mas isto é um outro caso, cuja motivação deixamos agora de parte.

Poderia parecer, e assim se tem julgado, que sendo o homem sempre o mesmo, a educação se deveria limitar, de uma vez para sempre, a firmar e a aplicar os seus princípios, também naturalmente sempre os mesmos. Mas não é assim: se o homem sempre o mesmo, enquanto participante da natureza, é e também sempre diferente, porque nele algo se manifesta diferentemente, conforme os estímulos que lhe oferece o mundo circundante e o programa que lhe traça a época em que vive. Porém, o que torna o homem diferente do seu semelhante das épocas passadas e futuras não são apenas os estímulos provenientes do mundo exterior nem só os programas de natureza social que a sua época lhe propõe. É o mesmo e diferentemente do seu mundo exterior, que para a compreensão dos valores que em si mesmo descobre e pretende realizar.

Se, de facto, nos seus interesses vitais, o homem se assemelha ao homem, porque a vida a todos manifesta as suas exigências, já o mesmo não sucede na forma mais ou menos profunda como é a sua consciência dessas exigências. Enquanto a vida o identifica com os outros, a consciên-

cia é um princípio de individuação que o distingue e o separa dos outros com que a vida o mantém solidário. A consciência torna o homem indivíduo, isto é, desagregado do fenómeno comunitário da vida animal. É e neste momento, quando a homem revela em si o princípio de individualidade da consciência, que a educação começa a ter sentido. Mas a consciência e, no homem, apesar de um aporite, não medeia com que o homem tome consciência daquilo que o separa daquelas com quem convive e também daquilo que aos outros o une, surge nele o interesse de compreensão da sua situação relativamente ao seu mundo.

E assim nele se manifesta o que só nele se pode revelar e é tipo de homem; o espírito. Mas o espírito não se manifesta em todos com o mesmo grau de intensidade e profundidade. Dá a possível classificação dos homens em determinados tipos para os quais a educação propõe significos adequados. A pedagogia precisa sempre, claramente ou não, uma tipologia humana. Cada homem tem diferentes possibilidades de serem vital que condicionam a sua forma de pensamento e conformam os seus contornos de consciência que, por sua vez, lhe permitem a melhor ou pior compreensão do espírito objectivo da cultura de que faz parte. Como é sabido, uma cultura deteriora-se de outra pelos valores que a orientam, isto, que muitas vezes é difícil de notar em momentos sucessivos da história, é claro quando acolhemos para termos referência culturas afastadas no tempo; a cultura grega era animada por valores diferentes dos que orientaram a cultura medieval e a cultura contemporânea, mas a educação, apesar de sua mudança de valores, mantém sempre a mesma finalidade: inserção do indivíduo na cultura de que é organicamente faz parte.

Ou, em outra linguagem: a educa-

(Continua na página 10)

EXTRA-MUROS

Ensino particular

Na República da Costa Rica foram reconhecidos, por parte do Estado os títulos de conclusão dos cursos liceais concedidos pelas escolas do ensino particular aos seus alunos.

A filosofia e as ciências

Da notabilíssima conferência proferida por D. José Pemartin, ex-direcção geral do ensino superior e médio em Espanha, na XI Semana de Instrução Nacional «Formação religiosa e filosófica de los universitarios» transmitida da revista «Atenas» e aqui se trecho referente às matemáticas e à física-matemática.

«Não se pode ser um digno professor de Matemática sem possuir ideias claras e conhecimentos daquilo a que poderia chamar-se «Filosofia da Matemática», que tem vindo a desenvolver-se ao longo do tempo do século XIX. No campo da Geometria discutem-se todos os postulados e criam-se as geometrias não euclidianas de Riemann, de Lobachevsky e de Bolyai. No campo da Aritmética, Cantor cria bases novas. Transmittido, de tão profundo sentido filosófico. Criam-se as noções de Grupos de Classes, a Lógica algébrica ou Logística, equidistantiam-se os ramos do infinito e os inteiros do contínuo como Dedekind e do Boole Raymond. Tão ligadas andam a alta Matemática e a Filosofia, que os dois tratam mais próximas. Filosofia da actualidade, o sistema Russell e o inglês Whitehead, começam a escrever Tratados de Filosofia matemática sobre a Aritmética o primeiro e o «Princípio matemático» em colaboração com Russell, o segundo, «Princípio» entre aqui que não seja géométrica, inscrever-se na fronteira do platonismo antigo. «Ningum entre aqui que não saiba Filosofia», afirma, em reciprocidade, Ericson em todos as Faculdades de alta matemática.

E reciprocamente, eminentes matemáticos como Poincaré, escrevem obras de renome universal de Filosofia científica, como «La Science et l'Hypothèse» e «La Valeur de la science».

Porque não há-de conhecer estas grandes e valiosas obras de Filosofia matemática os nossos universitários de Ciências Exactas e como há-de conhecê-las bem se não têm formação filosófica? De Matemática passamos à sua missão. A filosofia-matemática moderna. Nestes todos, sabem as mesmas transformações de principio que sofreu. Baseada a grande Física moderna numa concepção matemática do Universo, na qual se tinham por dogmas os dois célebres postulados de Newton, que afirmavam um tempo e um espaço absolutos, baseada, por outro lado, na continuidade matemática pelo célebre intuicionismo de Leibniz o Newton, que parecia reproduzir a continuidade da Natureza occulta in-

visível matemática. Segundo dizia Galileo, «sem eu, por outro lado, na Metodologia matemática de Descartes os novos axiomas da física de Kant, vê esta grande ciência moderna desenvolver e implementar todos os seus princípios. É o principio do absoluto de espaço e tempo sobre o golpe da relatividade de Einstein e a continuidade do Principio de descontinuidade de Planck, a teoria dos Quanta e discutem-se e fundamentam-se por Compton os novos axiomas da física.

Finalmente, a uma ciência toda baseada no método cartesiano, é lançado o seguinte anátema pelo eminente físico Louis de Broglie, premio Nobel no seu livro recente: «La Physique nouvelle et les quantités. Abror poissio que se tenha o espírito inclinado ao passado, pode sustentá-lo hoje, ao contrário de Descartes, que nada há mais espantoso que uma ideia clara e distinta e o empenho professor Gaston Bachelard, num livro recente intitulado «Le Nouvel esprit scientifique», tem um capítulo inteiro com este título: «Epistemologia não cartesiana». Além disso, como é bem sabido, o determinismo, aliado à ciência física, converte-se em indeterminística com o principio de Heisenberg e o probabilismo ocupa o primeiro plano na ciência física actual.

Baseada, emser, simplesmente tal tarefa matemática, recordar a enorme bibliografia que sobre os principios físicos, o espaço, o tempo, o Universo, (Lustram os nomes dum Sir James Jeans, dum Eddington, dum Charles Newman, dum M. J. Clough, dum Alfred North Whitehead, entre muitos outros, para compreender que os nossos universitários que se dedicam a esta matéria necessitam de sólida conhecimentos filosóficos, dum bem fundada ontologia, para poderem abordar-las com dignidade e com proveito».

PALAVRAS

QUE O VENTO NÃO LEVA

«Mesmo entre os que passam toda a feitura do nosso ensino académico, apenas alguns sabem perfetos intelectuais. Da maior parte sabem pagagalos ou especialistas. (Uma proporção importante destes últimos voltam às escolas como professores, e põem-se a formar novos pagagalos e novos especialistas».

(Aldous Huxley)

«A experiência deixa-nos a liberdade de escola, mas guia-a ajudando-nos a discernir o caminho mais cómodo. As nossas resoluções não como as de um príncipe absoluto, mas prudente, que consultasse o seu Conselho de Estado».

(H. Poincaré)

DAS SETE ARTES

Alguns processos de ditado

Pelo Insp. JOAQUIM TOMAZ

Sem pretendermos reavivar a questão da ortografia no ensino primário, a qual consagramos grande parte da nossa actividade pedagógica, oferecemos aos melhores professores alguns processos do ditado, que nos parecem de alguma utilidade para a aquisição das boas formas ortográficas:

I
Escrevem-se no quadro preto pequenas frases que se ditam aos alunos invertidas ou transpostas, podendo elles observá-las enquanto escrevem. Exercício de atenção e que convém, especialmente, à 1.ª classe.

II
Substituem-se algumas palavras da lição de leitura, mandam-se escrever um certo numero de vezes, e depois ditam-se em frases em que elas entram misturadas com outras já do vocabulário dos alunos. Admittivel também para os alunos da 1.ª classe e mesmo da 2.ª.

III
Escreve-se um texto no quadro preto e substituem-se com gir de cóp certas palavras que depois se ditam aos alunos envidadas em frases, tendo chamado primeiramente para ellas a sua atenção. Equivalente ao anterior.

IV
Escreto o texto por inteiro no qua-

dro preto é observado à vista dos alunos durante toda uma sessão escolar ou parte dela, expandindo-se apenas quando começa o exercicio, depois de devidamente explicada. Proprio para a 2.ª classe e até para a 3.ª.

V
Antes das lições ou durante a recessão, o professor escreve a texto no quadro e esconde-o com um repousoir. Depois de descoberto, lido, explicado e ditado, descobrindo-se de vez em quando para reavivar a memoria visual dos alunos. Igualmente aconselhavel para as duas classes medias.

VI
Nas escolas em que os professores têm a seu cargo a regência das quatro classes ou leccionam cumulativamente a terceira e a quarta, pode adoptar-se o seguinte processo: Escolhe-se e preparado o texto devidamente, dita-se integralmente à 1.ª classe, escrevendo a 3.ª apenas os períodos mais faveis.

VII
Na hipótese do numero anterior, e em qualquer outra, o texto em vez de ser preparado colectivamente na aula, pode individualmente só-lo em casa. Para esse effeito, o professor se colleterá, de vespera, um trecho do livro escolar, explicá-lo-a acuradamente, e ordenará que os alunos o leam

(Conclus na página 11)

